

# O CRISTIANISMO NA PERSPECTIVA NIETZSCHIANA E A SUPERAÇÃO DO NILISMO

Adelino Francklin<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo objetiva apresentar as críticas realizadas por Friedrich Nietzsche ao cristianismo e sua proposta de superação do niilismo. As principais obras do filósofo alemão pesquisadas foram *Genealogia da Moral, Além do Bem e do Mal e O Anticristo*. A pesquisa se justifica pela necessidade de buscar uma melhor compreensão dos principais conceitos nietzschianos que se relacionam com suas críticas ao cristianismo. A moral dos senhores e a moral dos escravos, o sentimento de culpa, o niilismo, a morte de Deus, vontade de potência, amor fati, eterno retorno e o além-do-homem estão entre os conceitos nietzschianos discutidos nesse artigo, tendo por um de seus comentadores o filósofo Oswaldo Giacóia Júnior.

**PALAVRAS-CHAVE:** além-do-homem; cristianismo; eterno retorno; niilismo.

## CHRISTIANITY IN THE NIETZSCHIAN PERSPECTIVE AND THE ABILITY OF NILISM

### ABSTRACT

This article aims to present the criticisms made by Friedrich Nietzsche to Christianity and his proposal to overcome nihilism. The main works of the German philosopher surveyed were *Genealogy of Morals, Beyond Good and Evil and Antichrist*. The research is justified by the need to seek a better understanding of the main Nietzschean concepts that relate to their criticisms of Christianity. Morality of the masters and morality of slaves, guilt, nihilism, the death of God, willpower, love fati, eternal return and the beyond are among the Nietzschean concepts discussed in this article, taking by one of its commentators the philosopher Oswaldo Giacóia Júnior.

**KEYWORDS:** beyond-man; christianity; eternal return; nihilism.

## 1- Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar as críticas realizadas pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche ao cristianismo e sua proposta de superação do niilismo.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Coordenador do curso de História da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

Justifica-se pela necessidade de compreender os conceitos de moral dos senhores e moral dos escravos; morte de Deus; niilismo; amor fati; vontade de potência; eterno retorno e além-do-homem, adotados por Nietzsche.

O número elevado de publicações científicas sobre Friedrich Nietzsche é um indicador do interesse crescente de estudiosos pelo conhecimento produzido por este pensador alemão. No entanto, as interpretações sobre as intencionalidades e sentido dos escritos de Nietzsche no que tange ao cristianismo são diversas. Destarte, pretende-se trazer à luz, novas contribuições para o entendimento das críticas que este filósofo alemão realizou no que concerne à religião cristã.

Para fundamentar este artigo, utilizou-se dos escritos do próprio Nietzsche e também de um dos seus principais comentadores, Oswaldo Giacóia Júnior.

As principais obras consultadas de Nietzsche foram *Genealogia da Moral, Além do Bem e do Mal* e *O Anticristo*. Para o melhor entendimento, serão abordados, inicialmente, os conceitos de moral dos senhores e moral dos escravos e morte de Deus. Posteriormente serão abordados os conceitos de niilismo, amor fati, vontade de potência, eterno retorno e além-do-homem.

## 2- Os valores morais cristãos e a morte de Deus

Na obra *A Genealogia da Moral*, Nietzsche busca as origens do que seria “mau” e “bom”, o que colabora para um direcionamento distinto do proposto por Immanuel Kant, com sua teoria sobre o imperativo categórico<sup>2</sup>. O conhecimento sobre a moral não seria apriorístico, mas convencionado pelos homens. Desse modo, Nietzsche dissocia a teologia da moral.

A moral é apresentada por Nietzsche sobre dois grupos da sociedade antiga, sendo eles os senhores e os escravos. Na obra *Além do Bem e do Mal*, Nietzsche afirma que:

Há a moral dos *senhores* e a moral dos *escravos*, concluir-se-á rapidamente que nas culturas mais elevadas e cruzadas se encontram tentativas de conciliação entre as duas morais, mais frequentemente ainda uma confusão das mesmas, fruto de malentendidos recíprocos e talvez a coexistência de uma ao lado da outra — isso é encontrado em indivíduos, numa só alma. (NIEZTSCHÉ, 2001, p. 196)

---

<sup>2</sup> O presente artigo não visa aprofundar tal temática. O imperativo categórico refere-se ao entendimento da questão moral para Kant, em que a moral é vista como uma lei universal, tendo o indivíduo que agir por dever.

Os valores morais defendidos pelos judeus, e pelos seguidores de Jesus Cristo, se distinguiam muito dos valores morais romanos durante a antiguidade clássica. Ao passo que a moral dos escravos estava presente nessas crenças monoteístas, os romanos possuíam a moral dos senhores adotavam a moral dos senhores. Para Júnior (2010) a noção de “bondade”, na Roma antiga, não estava atrelada à caridade, empatia ou outros sentimentos relevantes para a moral presente no cristianismo, mas sim à ideia de superioridade, nobreza e poder. Por outro lado, a noção de moral para “ruim” estava direcionada ao miserável, escravo, humilde, oprimido, sem posses, fraco, não culto e desprovido de pureza.

A moral dos senhores, típica dos romanos, ou seja, da nobreza, da superioridade, da glória, seria adversa à moral dos escravos, caracterizada pela submissão, inferioridade, sentimento de culpa.

A moral aristocrática, típica da moral dos senhores, é o avesso da moral dos escravos, ressentidos. Possui os valores morais mais elevados, segundo a concepção nietzschiana. A presença desses valores no maior império constituído na antiguidade clássica não foi por acaso.

Os romanos se exaltavam, valorizavam a glória, as conquistas e buscavam o poder. É justamente no período de decadência do Império Romano, que o cristianismo começa a se ascender, propagando com maior intensidade a moral dos escravos e reduzindo a influência da moral aristocrática.

A expansão e hegemonia do cristianismo no império romano fez triunfar moral dos escravos sobre a moral dos senhores. De dominante, a moral aristocrática passou a ser dominada. Sobre a moral dos escravos, Nietzsche, em *Além do Bem e do Mal* discorre que:

O olhar do escravo é desfavorável às virtudes do poderoso: ele tem sképsis e desconfiança, tem refinamento de desconfiança contra todo o ‘bom’ que é honrado ali – gostaria de persuadir-se de que, ali, a própria felicidade não é genuína. Inversamente, são postas em relevo e banhadas de luz as propriedades que servem para facilitar a existência dos que sofrem: aqui fica em lugar de honra a compaixão, a complacente mão pronta para ajudar, o coração caloroso, a paciência, a diligência, a humildade, a amabilidade -: pois estas são aqui as propriedades mais úteis e quase os únicos meios para tolerar a pressão da existência. A moral de escravos é essencialmente moral utilitária. Aqui está o foco para o nascimento daquela célebre oposição ‘bom’ e ‘mau’ – no mal é sentida a potência e periculosidade, algo de terrível, refinado e forte, que não deixa lugar para o desprezo. Segundo a moral de escravos, portanto, o ‘mau’ desperta medo; segundo a moral de senhores, é precisamente o ‘bom’ que desperta medo e quer despertá-lo, enquanto o homem ‘ruim’ é sentido como o desprezível. A oposição chega a seu auge quando, de acordo com a consequência da moral de escravos, também aos ‘bons’ dessa moral acaba por prender-se um bafejo de

menosprezo – pode ser leve e benevolente -, porque o bom, dentro da maneira de pensar dos escravos, tem de ser, em todo caso, o homem não-perigoso: ele é bondoso, fácil de enganar, um pouquinho estúpido talvez, é um bonhomme. Por toda parte onde a moral de escravos chega à preponderância, a linguagem mostra uma inclinação a aproximar as palavras ‘bom’ e ‘estúpido’. (NIETZSCHE, 1974, p. 301)

O antagonismo entre a moral dos senhores e a moral dos escravos é apresentado por Nietzsche, revelando a preponderância da moral dos escravos entre aqueles que julgam o “bom” como representação da humildade, simplicidade, sofrimento, entre outros valores que diminuem o indivíduo.

Para Nietzsche (1974; p. 308), na Genealogia da Moral, “o povo venceu – ou ‘os escravos’, ou ‘a plebe’ ou ‘o rebanho’, ou como queira denominá-lo; se isso aconteceu através dos judeus, pois bem! Nunca um povo teve tal missão histórica”.

A moral dos escravos, defendida pela seita judaica, posteriormente denominada cristianismo, passou a ser vista como a verdadeira e necessária para satisfazer a vontade de Deus. Ser “bom” significaria seguir os princípios morais da moral dos escravos. Para a doutrina cristã, fazer-se pequeno tornou-se condição *sine qua non* para alcançar a glória de Deus. Destarte, a moral dos escravos, ou fracassados, passou a estar intimamente associada aos valores morais do bom cristão, ou aquele que teria um dia a salvação eterna.

Para Medeiros (2008), Nietzsche entende que a moralidade escrava é o próprio cristianismo, que por consequência ele odeia. Jesus teria ensinado o culto à fraqueza humana e demonstrado seu menosprezo pelo desenvolvimento do homem. Os valores difundidos pelo cristianismo, abarcados pela moral dos escravos, seriam responsáveis pela formação de uma sociedade fraca, ou seja, decadente.

Conforme a ótica nietzschiana, a sociedade decadente, degenerada, seria resultado da herança histórica adquirida pela Igreja, que supervalorizou a moral dos escravos em detrimento da moral dos senhores. Nietzsche (1974; p. 308) na Genealogia da Moral afirmou que “os senhores foram abolidos; a moral do homem comum venceu (...); tudo se judaíza ou cristianiza ou plebeíza a olhos vistos”.

Dentro da perspectiva apresentada por Nietzsche, Medeiros (2008, p. 27) compreende que as qualidades provindas da moral dos senhores, entendidas como “bom” por eles mesmos, são repudiadas pelos que adotam a moral dos escravos. No embate travado entre senhores (fortes) e escravos (fracos), os fracos vencem os fortes. Como isso é possível, é objeto de investigação do próprio Nietzsche.

A hegemonia da moral dos escravos, difundida por meio dos valores cristãos, se sobrepôs veementemente à moral dos senhores. Desta moral propagada pelos cristãos, surgiu o sentimento de culpa.

Na obra *A Genealogia da Moral*, Nietzsche afirma:

Com a moralização das noções de culpa e dever, com seu afundamento na má consciência, houve a tentativa de inverter a direção do desenvolvimento acima descrito, ou ao menos de deter o seu movimento: justamente a perspectiva de um resgate definitivo deve se encerrar, de modo pessimista, de uma vez por todas; o olhar deve se chocar e recuar desconsolado, ante uma impossibilidade férrea; as noções de culpa e dever devem se voltar para trás — contra quem? Não se pode duvidar: primeiramente contra o “devedor”, no qual a má consciência de tal modo se enraíza, corroendo e crescendo para todos os lados como um pólipo, que, por fim, com a impossibilidade de pagar a dívida, se concebe também a impossibilidade da penitência, a ideia de que não se pode realizá-la (o “castigo eterno”); mas finalmente se voltam até mesmo contra o “credor”: recordemos a causa prima do homem, o começo da espécie humana, o seu ancestral, que passa a ser amaldiçoado (“Adão”, “pecado original”, “privação do livre-arbítrio”), ou a natureza, em cujo seio surge o homem, e na qual passa a ser localizado o princípio mau (“demonização da natureza”), ou a própria existência, que resta como algo em si sem valor (afastamento niilista da vida, anseio do Nada, ou anseio do “contrário”, de um Ser-outro, budismo e similares) — até que subitamente nos achamos ante o expediente paradoxal e horrível no qual a humanidade atormentada encontrou um alívio momentâneo, aquele golpe de gênio do cristianismo: o próprio Deus se sacrificando pela culpa dos homens, o próprio Deus pagando a si mesmo, Deus como o único que pode redimir o homem daquilo que para o próprio homem se tornou irredimível — o credor se sacrificando por seu devedor, por amor (é de se dar crédito?), por amor a seu devedor!...(NIETZSCHE, 1998, p. 50)

O sentimento de culpa já estava enraizado na moral judaica, com a narrativa de Adão e Eva. O pecado original, a culpa por querer desejar ser melhor que Deus, já era interiorizada pelo judeu. Esse sentimento de pecado, de culpa, é reforçado com crucificação de Jesus.

Jesus Cristo, ao deixar-se ser condenado à pena de morte, a uma das formas mais extremas de execução da época, a crucificação, deixou para a humanidade o sentimento de culpa. Seriam os romanos, representando toda a humanidade, os responsáveis pela sua morte.

O cristão se torna um devedor, um eterno culpado, perante a crença de que Deus morreu para salvá-lo. O sentimento de culpa o inferioriza ainda mais, tendo em vista que já interiorizou a moral dos escravos.

A culpa passou a ser interiorizada pelos cristãos, fazendo com que os mesmos considerassem indignos de viverem plenamente esta vida, e causando a sensação de que uma vida celeste fosse melhor que a vida terrena. A culpa leva os cristãos a uma desvalorização

das suas potencialidades, a uma visão pessimista desta vida e por fim a um sentimento de inferioridade.

Conforme afirma Mattos (2006, p. 36), “a moral teria então um duplo aspecto: por um lado, constituiria um estimulante para a vida, ainda que envenenado, e, por outro, seria também uma conseqüência, a doença, o sintoma desse remédio”.

Os cristãos estariam doentes diante do tipo de vida que possuem. Considerando-se doentes por estarem constantemente se sentindo culpados pelos pecados que acreditam ter cometido. Seria necessário, segundo Nietzsche, a “grande saúde” para toda essa doença acometida pela crença do pecado e da culpa.

“A diferença entre os termos ‘saúde’ (que pode ser associado às antigas aristocracias em ‘estado bruto’) e ‘grande saúde (que é como se definiria a ‘nova Vornehmheit’) se dá na passagem pela doença” (PASCHOAL, 2002, p. 62). Caso percebessem as contradições existentes no estado doentio, os cristãos caminhariam para a “Grande Saúde”, onde enxergariam os novos valores morais.

Na teologia cristã, o homem, desde a criação, teria sido acometido pelo pecado, tendo a narrativa bíblica sobre a figura de Adão o exemplo mais notável sobre a origem deste pecado. O homem, segundo os cristãos, estaria condenado a ser pecador nesta vida, tendo a possibilidade de perdão, caso procurasse a Deus por meio das orações e seguimento da doutrina cristã.

Os sacerdotes, responsáveis pela explicação da doutrina cristã e pela propagação da mensagem de Jesus, seriam os responsáveis por manter os cristãos doentes, impedindo-os de atingirem a “Grande Saúde”. Desse modo, os sacerdotes seriam os pastores de um rebanho doentio.

Nietzsche atribui aos sacerdotes toda a responsabilidade por convencer os demais cristãos de que são pecadores, de que devem seguir os valores morais da doutrina cristã e se redimirem dos seus “pecados”, da sua “culpa”. A moral dos escravos, que já existia antes do cristianismo, passa a se manifestar na doutrina cristã. A interiorização da culpa é reforçada a cada homilia, a cada sermão, a cada culto presidido pelos sacerdotes.

A repulsa que Nietzsche manifesta sobre os sacerdotes deve-se ao fato de que o filósofo sabia que a influência exercida por esses líderes espirituais sobre os cristãos foi enorme ao longo da história. A hierarquia estabelecida pelos membros do clero estabeleceu mais credibilidade e atraiu maior respeito aos que se julgavam os representantes de Deus na Terra.

O número elevado de iletrados ao longo dos tempos e a crença de que somente os membros do clero poderiam ler as sagradas escrituras fez com que os sacerdotes fossem cada vez mais procurados pelos cristãos. Com isso, a reprodução dos valores morais dos escravos, o sentimento de culpa, era principalmente responsabilidade dos sacerdotes.

O livre-arbítrio seria uma ilusão, visto que dificilmente os cristãos almejavam fugir do que era imposto pelos sacerdotes e pelas sagradas escrituras. A liberdade do cristão sempre foi limitada, visto que o mesmo não teria uma vida tranquila se optasse por seguir outros valores morais, opostos aos valores cristãos.

Assim, tendo por fundamento os conceitos nietzschianos, a incorporação da moral dos escravos teria sido incorporada à mensagem de Jesus. O ressentimento, o sentimento de culpa, de piedade, de humildade, teria sido interiorizado pelos cristãos ao longo da história, propagados pelos sacerdotes da Igreja Cristã.

O fato de acreditarem serem livres, por meio da doutrina do livre-arbítrio, levou os cristãos a seguirem ainda mais os valores morais difundidos por esta religiosidade, sendo que na verdade eles estariam sendo pressionados a seguirem devido o medo da condenação.

Sentir-se culpado, ressentido, inferiorizado, passou a ser uma exaltação para os cristãos. Todos os que comungassem desses sentimentos teriam condições de ingressar no reino celeste. Os sacerdotes, considerados pelos cristãos como representantes de Jesus Cristo, reforçaram a difusão destes sentimentos, que seria fundamental para o respeito à hierarquia religiosa dentro da Igreja. Destarte, “enquanto o sacerdote surgir como um tipo superior de homem, esse negador, caluniador e envenenador da vida por profissão, não haverá resposta para a pergunta: o que é a verdade?” (NIETZSCHE, 2011, p. 19).

Antes de ser conhecida como cristianismo, essa religião era uma seita do Judaísmo, originária dos seguidores de Jesus, o Cristo. Nos primeiros séculos existia, de fato, um ambiente mesclado pelo Judaísmo e pela chamada seita judaica. Após o assassinato de Jesus, seus seguidores eram perseguidos nas províncias do Império Romano.

“Segundo Nietzsche, somente Jesus viveu de forma intensa ao que pregou, sendo capaz de pagar com vida a emancipação de um povo que ainda estava por vir, colocando em questionamento toda a plenitude filosófica apresentada por este até então” (NOVAES, 2011, p. 32).

No primeiro século, Saulo, um notável perseguidor de cristãos, pediu permissão ao Sumo Sacerdote para sair em viagem a Damasco, disposto a prender todos os cristãos que encontrasse pelo caminho. Contudo, um fato inesperado aconteceu mudando completamente a

vida deste perseguidor dos cristãos. Este fato, que é a conversão de Paulo, é relatado no Segundo Testamento, mais precisamente no livro atribuído ao evangelista Lucas (BÍBLIA, ATOS DOS APÓSTOLOS, 9, 3-9), que narra ter Paulo escutado uma voz, afirmando ser de Jesus, a quem ele estaria perseguindo. Em seguida Paulo teria caído do cavalo, perdido a visão por um instante e posteriormente se convertido ao cristianismo. Seja qual for o real motivo de sua conversão, Paulo passou de perseguidor a anunciador da mensagem cristã.

Para Nietzsche, Paulo não transmitiu fielmente a mensagem de Jesus. “A perversão da mensagem evangélica de Jesus ganha corpo com Paulo. Com ele ganhou expressão a mensagem do Cristo ressurreto, o que transportou a imediatez da bem-aventurança experimentada por Jesus em promessa após a morte” (CABRAL, 2010, p. 13).

Paulo não conheceu Jesus. Ficou sabendo sobre ele através de depoimentos, escritos, e dentre os mais próximos, conheceu especialmente Pedro e Tiago. Diante deste registro histórico, indaga-se: teria ele propagado a autêntica mensagem de Jesus, ou teria dado novas interpretações de acordo com o que entendera sobre os escritos e depoimentos sobre Jesus?

Conforme afirma Nietzsche, na obra O Anticristo:

(...) A “boa nova” foi seguida rente aos calcanhares pela “péssima nova”: a de Paulo. Paulo encarna exatamente o tipo oposto ao ‘portador da boa nova’; representa o gênio do ódio, a visão do ódio, a inexorável lógica do ódio. O que esse disangelista não ofereceu em sacrifício ao ódio! Acima de tudo, o Salvador: ele pregou-o em sua própria cruz. A vida, o exemplo, o ensinamento, a morte de Cristo, o significado e a lei de todo o Evangelho, nada disso restou após esse falsário, com seu ódio, ter reduzido tudo ao que lhe tivesse utilidade. Certamente não a realidade, certamente não a verdade histórica!... E uma vez mais o instinto sacerdotal do judeu perpetrou o mesmo grande crime contra a História, simplesmente extirpou o ontem e o anteontem do cristianismo e inventou sua própria história das origens do cristianismo. Ainda mais, fez da história de Israel outra falsificação, para que assim se tornasse uma mera pré-história de seus feitos: todos os profetas falavam de seu “Salvador”... Mais adiante a Igreja falsificou até a história da humanidade para transformá-la em uma pré-história do cristianismo... A figura do Salvador, seus ensinamentos, seu estilo de vida, sua morte, o significado de sua morte, mesmo as conseqüências de sua morte, nada permaneceu intocado, nada permaneceu sequer semelhante à realidade. Paulo simplesmente deslocou o centro de gravidade daquela vida inteira para um local detrás desta existência, na mentira de Jesus “ressuscitado”. (...) (NIETZSCHE, 2002, p. 39).

Essa citação deixa explícita a antipatia que Nietzsche possuía por Paulo. O considerado 13º apóstolo teria pregado um “disangelho”, ou seja, uma negação do que seria a verdadeira “Boa Nova”. A autêntica mensagem de Jesus teria morrido juntamente com Ele, na cruz, segundo Nietzsche.



O sentimento de culpa, que se interiorizou nos cristãos com a morte de Jesus e com a ação dos sacerdotes, acentuou-se ainda mais com o disangelho de Paulo.

O maior responsável pela propagação da moral dos escravos por meio do cristianismo, segundo Nietzsche, foi o apóstolo Paulo. Teria sido este apóstolo, possivelmente influenciado por ideias helênicas, o responsável por deturpar a verdadeira mensagem de Jesus, e difundido a ideia que todos deveriam ser humildes, fracos, pobres, sedentos, a espera da volta do salvador. Paulo, por ter percorrido as províncias do Império Romano atraindo inúmeros convertidos ao cristianismo, teria transmitido esses valores de inferioridade a todos, levando-os a um sentimento de culpa constante. Nesse sentido, Bittencourt (2009) aponta que Paulo, conforme o entendimento de Nietzsche soube se utilizar das estratégias dos fariseus para inculcar a sua moral em detrimento da moral originária do próprio Cristo.

É possível que o cristianismo não tivesse se tornado uma religião hegemônica, caso não tivesse contado com a propagação realizada por Paulo no primeiro século. Conforme afirma Cabral (2010, p. 14) “se Paulo é o tipo que transforma a *décadence* pacífica de Jesus em *décadence* ressentida, o cristianismo será fiel a Paulo”.

O sentimento de culpa é inculcado no cristão, de modo que o mesmo adquire uma visão de negação desta vida. Para Silva (2004, p. 190) “é o sacerdote cristão (Paulo) quem empreende a interiorização da dor, que conduz a má consciência à sua forma superior: a própria dor. A dor assume agora a consequência de um pecado”.

Para Nietzsche (2011) a mensagem de Jesus morreu com ele no momento da crucificação. As ideias originárias de Cristo teriam sido apagadas pelos sacerdotes, que propositalmente ou não, teriam transmitido uma negação dos reais valores. Os judeus teriam percebido a ameaça dos sacerdotes que se proclamavam portadores da mensagem evangélica.

Paulo como todos os sacerdotes, teria influenciado negativamente a formação da doutrina cristã. Os valores da tradição socrático-platônica foram incorporados ao cristianismo, chegando às diversas províncias do império romano.

Ao adotar a filosofia do “martelo”, Nietzsche pretende desconstruir toda a tradição e crenças que imperaram para grande parcela da humanidade. Ao desconstruir todos esses valores, o filósofo alemão contribuiu para tirar a viseira que levava a humanidade a enxergar apenas um caminho, que era considerado o correto.

O entendimento sobre como era Deus é objeto de discussão para Nietzsche, que vê nas concepções equivocadas sobre a divindade um grande desprezo por essa vida, a real,

em oposição a uma vida irreal, situada no além. O Deus concebido pelos cristãos desejaria a negação dessa vida.

Juntamente com o fim dos valores morais cristãos, praticamente toda a tradição filosófica, desde Sócrates, estaria condenada ao fim. Destarte, os pensamentos filosóficos ocidentais, influenciados de algum modo pela moral cristã estariam presentes em nossa sociedade degenerada.

Nietzsche, na *Genealogia da Moral*, argumenta que:

Também nós, conhecedores de hoje, nós os sem-Deus e os antimetafísicos, também nosso fogo, nós o tiramos ainda da fogueira que uma crença milenar acendeu, aquela crença cristã, que era também a crença de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina...Mas, e se precisamente isso se tornar cada vez mais desacreditado, se nada mais se demonstrar como divino, que não seja o erro, a cegueira, a mentira – se Deus mesmo se demonstrar como nossa mais longa mentira? (NIETZSCHE, 1974, p. 328)

Nessa citação, Nietzsche propõe uma reflexão sobre o fato de Deus ter sido a mentira, em detrimento da verdade. A humanidade deveria se atentar para o fato de que os valores da civilização ocidental, cristianizada, já não se sustentam mais. Possivelmente, para Nietzsche, a mentalidade fundada no pensamento socrático-platônico, propagada pelo cristianismo, estaria fadada ao desaparecimento devido ao anúncio da “morte de Deus”.

“Desde Copérnico o homem parece ter caído em um plano inclinado, agora rola cada vez mais depressa, afastando-se do centro – para onde? para o nada? Para o ‘perfurante sentimento de seu nada’?” (NIETZSCHE; 1974; p. 330).

Conforme afirma Giacoia Júnior:

O anúncio, por Nietzsche, da morte de Deus significa o fim do modo tipicamente metafísico de pensar, na medida em que, para ele, o cristianismo, tanto como religião quanto como doutrina moral, constitui uma versão vulgarizada do platonismo, adaptada às necessidades e anseios de amplas massas populares. Por sua vez, o cristianismo constitui, para Nietzsche, a medula ética do mundo ocidental; é da seiva moral do cristianismo que se nutrem todas as esferas importantes de nossa cultura, desde a mais abstrata e rarefeita investigação das ciências formais até o plano material de organização da vida e do trabalho. (GIACÓIA JÚNIOR, 2000, p. 13)

O modo tipicamente ocidental e metafísico de se compreender a realidade é embasado na doutrina cristã, que passou a contar com elementos da filosofia de Sócrates e Platão, por meio da difusão da crença em uma realidade distinta da que deveria ser realmente

valorizada. O dualismo caracterizado pelo mundo sensível e mundo inteligível agora era entendido como mundo terreno e mundo celeste. Aqueles que seguissem a cartilha dos valores morais cristãos teriam o perfil adequado para serem agraciados por Deus com a salvação eterna.

Dentro desta perspectiva, Giacoia Júnior também aponta que:

“Todavia, para que o homem moderno possa corresponder a esse desejo íntimo da vida e se colocar em sintonia com ela, é antes de tudo necessário que tenha se libertado daquele ressentimento que lhe foi inoculado pela tradição metafísica: o desprezo pela vida, pela terra, pelo mundo, pelo corpo, pelo vir-a-ser, por tudo aquilo que foi até agora caluniado em nome do "verdadeiro mundo". Somente quando sua existência terrena puder deixar de ser vivida sob a ótica do juízo e da condenação, como padecimento e expiação, como ascese, pela qual se conquista a felicidade eterna; somente então poderá o homem instituir para si um ideal que seja também o sentido da terra, liberto da fantasia transcendente de um além-do-mundo, com a qual ele entorpece a dor de sua finitude, tragédia de sua existência. (GIACÓIA JÚNIOR, 2000, pp. 34-35)

O sentimento de culpa difundido principalmente pelos sacerdotes, a moral dos escravos presente na doutrina cristã, deveria ser extinta. O disangelho pregado por Paulo estaria fadado ao fim diante do esgotamento das explicações metafísicas.

Almeida (2006, p. 19) explica que a morte de Deus é o encerramento da visão dualista platônica, o fim do maior equívoco da humanidade. Por essa razão, com a inexistência desse mundo aparente, o homem moderno tem uma vontade pelo nada.

Ao constatarem “a morte de Deus”, os cristãos não valorizariam mais o mundo inteligível, atrelado a valores metafísicos, e sim deixariam de acreditar nesta dualidade. O dualismo platônico, que matou a filosofia pré-socrática, que colocou fim à tragédia grega, estaria condenado ao fim.

Conforme afirma Nietzsche, em Além do Bem e do Mal:

“Platão quis persuadir a si mesmo, lutando com todas as suas forças, que era superior a seus predecessores, que a razão e o instinto tendem espontaneamente ao mesmo fim, ao bem, a "Deus". Desde Platão que era mais inocente nestas matérias e não dispunha da astúcia plebéia, teólogos e filósofos seguiram o mesmo caminho, isto é, que em matéria de moral, o instinto ou a "fé", como dizem os cristãos, triunfou até hoje. (NIETZSCHE, 2001, p. 105)

Platão representa segundo Nietzsche, a negação do espírito criativo, artístico, existente na Grécia dos pré-socráticos. Seria ele o responsável por matar todos esses valores

da vida, da verdadeira vida. “Platão contra Homero: eis o inteiro, o genuíno antagonismo – de um lado, o “partidário do além” de melhor vontade, o grande caluniador da vida, do outro o involuntário divinizador da vida, a natureza de ouro” (NIETZSCHE; 1974; p. 329).

Para Almeida (2006), a morte de Deus é o verdadeiro diagnóstico sobre a ausência de Deus nas práticas ocidentais modernas. O homem moderno teria sido o responsável por substituir a teologia pela ciência ou antropologia, o ponto de vista guiado por Deus pelo ponto de vista guiado pelo homem. A compreensão do que seria a realidade não passou de uma ilusão e os valores morais que determinavam o comportamento humano foram um grande engano.

Na concepção nietzschiana, o fim dos valores morais cristãos, após a morte de Deus, representaria a valorização do homem, de suas potencialidades. Como os ideais metafísicos já não existiam mais, tornou-se possível ter uma outra postura diante da vida. “O conhecido ser verdadeiro, o mundo verdadeiro da teoria dos dois mundos é propriamente o Nada” (BRUSOTTI, 2000, p. 13). Como agir diante do sentimento de vazio e de ausência de lógica na existência, tornou-se uma meta para aqueles que enxergaram a “morte de Deus”. Isso não significaria viver em uma sociedade sem moral e sem ética. Novos valores morais e éticos precisariam ser construídos para a convivência harmoniosa em sociedade, mas não pautados no medo de um Deus que castiga ou condena, não no sentimento de culpa constante.

### **3- A superação do niilismo na filosofia nietzschiana**

O niilismo nietzschiano é apresentado como fundamento para a compreensão de toda a realidade influenciada pelas religiões monoteístas, especialmente o cristianismo. Conforme afirma Giacóia Júnior (2013, p. 227), “não é o niilismo a causa da decadência cultural, antes pelo contrário: ele é o resultado necessário de um lento, até então insuspeitado, processo de decadência e perda de potência (...)”.

Já que os valores cristãos morreram juntamente com a ideia de Deus, procurá-los é viver para o nada e ignorar a própria realidade existente. O niilismo é caracterizado pela negação da vida e viver para o nada. Já não se crê em valores superiores ou procura negá-los, pois a vida é dirigida para o nada (MEDEIROS, 2008).

A negação desta vida carrega em si a dimensão de vazio, de um nada que se revela como uma ausência de sentido da vida. No entanto, “o grande mérito de Nietzsche, ao contrário dos homens religiosos, reside em considerar o niilismo não uma maldição, mas uma

etapa inevitável da vida” (CONSTANTINIDÈS, 2007, p. 132). O niilismo é natural, oriundo da formulação de valores no seio das religiões teístas, a exemplo do cristianismo. Não haveria como contornar a situação e evitar que ele se tornasse evidente.

Para Constantinidès (2007), o niilismo é um estado intermediário patológico que não se deve fugir, pois, ao contrário, deve-se vivenciá-lo ao máximo para posteriormente ter-se a inversão dos valores decadentes e a criação de uma nova hierarquia. Destarte, o entendimento do niilismo como um momento de transição, remete à possibilidade de superação.

O nada ou o sentimento de vazio leva os cristãos a perder um sentido para a sua existência. Viver para que e para quem se tornam interrogações a partir deste novo contexto. Dentro da ótica apresentada, Medeiros (2008) afirma que as críticas nietzschianas à uma crença em um Deus é niilista, pois entende que os crentes fundamentam a significação de nosso mundo em uma realidade fictícia. Para o filósofo alemão, a vida veio minar a si mesma ao se apoiar na religião e na crença em um Deus.

Medeiros (2008) afirma que Nietzsche entende a moral cristã como fundamentalmente niilista. Os homens estão diante do nada perante a morte de Deus. O niilismo nietzschiano seria a liberação dos históricos valores metafísicos cristãos.

De todas as crenças teístas, o cristianismo seria a que mais difundiu o niilismo. O Budismo é abordado pelo filósofo, mas não de maneira tão radical como com o cristianismo.

Para Almeida (2006), Nietzsche tenta apresentar, ao criticar Sócrates e Platão é que a teoria desses filósofos gregos traz a origem do niilismo ao criarem um mundo real e fadarem esse mundo das aparências como mundo de ilusões e que verdade só pode ser atingida no mundo inteligível. Após a morte de Deus chega ao fim toda interpretação moral do mundo e da vida, sendo o niilismo a radicalização desse evento.

Conforme afirma Araldi (1998), na filosofia nietzschiana existe o niilismo incompleto e o niilismo completo. O niilismo incompleto é uma tentativa de preencher o sentimento de nada oriundo da morte de Deus. Por meio de ideais laicos, os homens ainda guardam o lugar que fora ocupado por Deus. Essa forma de niilismo é uma tentativa de superação niilista sem transvaloração dos valores. No niilismo completo o homem não consegue mais esconder a vontade de nada por meio de ideais e ficções. Além da abolição do suprassensível, sua oposição também já não existe mais.

O niilismo incompleto transita para o niilismo completo no homem, mas o niilismo completo não representa um fim último da história. O niilismo não é entendido como uma teleologia.

O niilismo completo nietzschiano é entendido de duas maneiras, sendo o niilismo ativo e o passivo. Para o entendimento destas duas maneiras de vivenciar o niilismo, Almeida (2006, pp. 27-28) afirma que o niilismo completo é entendido como a destruição de todos os valores antigos e pela inexistência de novos valores ascéticos; deixando de existir o transcendental e o princípios organizadores. O niilismo completo se divide nas seguintes formas diferentes: O niilismo passivo que se apresenta como incapaz de destruir valores e seguir em frente; o niilismo ativo, que destrói os valores e cede lugar à novas formas de valoração.

Os homens passariam a vivenciar o niilismo ativo, ou seja, a destruição de todos os valores ao constatar a “morte de Deus”. Já não haveria mais espaço para os valores morais difundidos pelo cristianismo.

Para Brusotti (2000, p. 6) “a vontade deve, necessariamente, querer algo, por falta de algo melhor, o nada”. O anseio pelo nada seria um momento de transição, vivenciado pelos cristãos. Por isso, Nietzsche (1974; p. 333) afirma que “o homem preferirá querer o nada, a nada querer”, ou seja, haverá uma vontade do nada. A vontade do nada superaria todo o sentimento de culpa, de ressentimento, oriundo da doutrina reinante nos últimos séculos.

Barbosa (2010) comenta que a superação do niilismo nietzschiano, em seu maior sentido, refere-se ao processo que culminará na inversão radical do platonismo e da superação da moral cristã.

A moral cristã, que havia triunfado até então, por meio dos ditos seguidores de Jesus, dos sacerdotes, agora estaria ultrapassada. Juntamente com a moralidade cristã, vontade de nada também é colocada em xeque.

Do niilismo completo, haveria ainda a transição para o niilismo do êxtase. Conforme explica Araldi (1998, p. 88), “enquanto ‘a mais divina de todas as formas de pensar’, o niilismo funciona como um martelo na mão do criador. Com isto chega-se ao niilismo do êxtase, que é condição para se chegar à suprema afirmação da existência”. O niilismo do êxtase, a afirmação da verdadeira vida, é a fase em que novos valores seriam criados e se tornariam referência para a humanidade.

O conceito de eterno retorno tem início na teoria nietzschiana no ano de 1881. Na obra *A Gaia Ciência* (1882), é que Nietzsche discorrerá com maior ênfase sobre esse conceito. Conforme afirma Nietzsche, na referida obra:

O peso mais pesado. – E se, um dia ou uma noite, um demônio se viesse introduzir na tua suprema solidão e te dissesse: Esta existência, tal como a

levas e a levaste até aqui, vai-te ser necessário recomeçá-la sem cessar; sem nada de novo; muito pelo contrário! A menor dor, o menor prazer, o menor pensamento, o menor suspiro, tudo o que pertence à vida voltará ainda a repetir-se, tudo o que nela há de indizivelmente grande e de indizivelmente pequeno, tudo voltará a acontecer, e voltará a verificar-se na mesma ordem, seguindo a mesma impiedosa sucessão... esta aranha também voltará a aparecer, este lugar entre as árvores, e este instante, e eu também! (NIETZSCHE, 2000, p. 219)

A palavra “peso” pode ser entendida como valor. Para o filósofo alemão, os valores, sentimentos, as relações entre opostos, já teriam ocorrido e sempre ocorreriam na vida do homem. Isso se deve ao fato de que “Deus está morto” e não há mais a possibilidade de entender a realidade dentro de uma visão teleológica, visto que os princípios cristãos atrelados à metafísica já não se sustentam mais. Deus já não seria mais o maior peso, assim como os valores morais derivados da doutrina judaico-cristã já não seriam mais os pesos maiores, estariam de fato em decadência. “Não havendo mais origem nem fim, o mundo, tal como é, sem começo nem fim, pode ser concebido como eternamente retornando” (BARBOSA-B, 2010, p. 75).

A cosmovisão de Nietzsche não é teleológica, e sim baseada no “eterno retorno”. Deste modo, a humanidade não caminharia para a salvação eterna, como defendiam os cristãos e sim, valores anteriores, sentimentos anteriores, ocorreriam novamente na história.

Como a vida é um “eterno retorno”, haveria condições do homem retomar os valores que um dia teriam sido essenciais, teriam sido realmente bons para o reconhecimento desta vida.

Para Rubira (2008), na obra *Humano, demasiadamente humano*, de autoria de Nietzsche, havia um ensaio dos primeiros passos no caminho de uma noção própria de valor, bem como para avaliar os valores. No entanto, a avaliação dos valores só ocorrerá a partir do entendimento do eterno retorno e a vontade de potência.

A filosofia do pré-socrático Heráclito, que defendeu a constante transformação na natureza, que tudo flui, teria inspirado o desenvolvimento da teoria nietzschiana sobre o eterno retorno. Além da obra *Gaia Ciência*, a teoria do eterno retorno esteve presente também na obra *Assim falou Zaratustra*, escrita entre 1883 a 1885. Rubira (2008) explica que Zaratustra repete duas vezes: “eternamente retorna o homem de que estás cansado, o pequeno homem”, além de “eterno retorno também do menor!”. Para o autor, quando Zaratustra diz sim sobre o retorno do “pequeno homem”, ele profere seu amor fati, aceitando o retorno daquilo que considera inútil, sem nexos.

O conceito de amor fati refere-se ao amor ao destino. Tal conceito é fundamental para a compreensão da aceitação do eterno retorno no pensamento de Nietzsche.

“É por esta razão que a moral altruísta vem a ser justamente o alvo da crítica nietzschiana, pois o que o filósofo pretende é revalorizar determinados pesos na ‘balança do sentimento de valor’” (RUBIRA, 2008-b, pp. 113-114). Os valores judaico-cristãos deveriam ser superados, o que seria possível pela transvaloração de novos valores. No entanto, Nietzsche busca uma solução, visto que por meio do eterno retorno, os valores decadentes voltavam a existir.

Rubira (2008-b) contextualiza que Nietzsche conceitua o niilismo em 1881, e é a partir daí que busca descobrir o que gerou a desvalorização de todos os valores. A resposta é encontrada no diagnóstico de que o peso entre os pesos, ou seja, Deus, o suprassensível, está morto. É esse o contexto em que Nietzsche escreve o eterno retorno, ou seja, o “novo peso” supera o “velho peso”, que é Deus ou os valores difundidos pelo cristianismo e pelas crenças teístas.

A superação do niilismo e do eterno retorno passa pela vontade de poder. O termo vontade, desenvolvido a partir de Schopenhauer, mas que não lhe é atribuído o mesmo significado por Nietzsche, torna-se relevante para a compreensão do estágio que se inicia na vida do homem.

Nas palavras de Cabral (2009, p. 24), “o conceito de vontade de poder nasce em Nietzsche da assunção do desafio de se pensar o real em outro horizonte hermenêutico que o metafísico”.

O homem até então havia colocado todas as suas esperanças e expectativas de uma vida melhor no “paraíso”, no reino celeste, no além-mundo. No entanto, agora passa a buscar o que pode haver de melhor nesta vida, desvinculado de um ideal metafísico. “Somente onde há vida, há também vontade: mas não vontade de vida, e sim – assim vos ensino – vontade de potência!” (NIETZSCHE, 1974, p. 246).

Cabral (2009, p. 27) afirma que “com a dissolução do em-si, a pluralidade se caracteriza, sobretudo pela relação dinâmica e conflitiva de princípios ontológicos de configuração do mundo. É a isto que a expressão vontade de poder responde”. “Muito, para o vivente, é estimado mais alto do que o próprio viver; mas na própria estimativa fala – a vontade de potência!” (NIETZSCHE, 1974, p. 247).



Para Cabral (2010), Jesus é considerado por Nietzsche como um decadente, um doente, e isso colabora para o projeto nietzschiano de transvaloração dos valores e ao anúncio do além-do-homem.

A vontade de poder seria apenas um momento de transição para o que seria a transvaloração dos valores. O Jesus autêntico, distinto do Jesus dos cristãos possibilitaria a gênese do “além-do-homem”.

Na obra *A Genealogia da Moral*, Nietzsche anuncia a vinda do homem do futuro, ou seja, o “além-do-homem”. Na obra, o filósofo alemão cita:

Esse homem do futuro, que nos redimirá, tanto do ideal até agora, quanto daquilo que teve de crescer dele, do grande nojo, da vontade do nada, do niilismo, esse bater de sino do meio-dia e da grande decisão, que torna a vontade outra vez livre, que devolve à terra seu alvo e ao homem sua esperança, esse anticristo e antiniilista, esse vencedor de Deus e do nada, ele tem de vir um dia... (NIETZSCHE, 1974, p. 320).

O sentimento de culpa, a moral dos escravos, já não existe mais. A descoberta de que Deus está morto teria levado à sensação de vazio. No entanto, o além-do-homem seria a superação do niilismo, a superação do sentimento de vazio, do nada e o responsável por promover a transvaloração de todos os valores. Nietzsche anuncia a vinda desse novo homem que trará um “novo peso” para a humanidade.

Um dos notáveis comentadores de Nietzsche, Giacóia Júnior, sobre a transição para o surgimento do “além-do-homem”, aponta que:

Essa perigosa travessia que conduz do animal ao além-do-homem só pode ser empreendida pelo homem moderno renunciando ao conformismo de sua mediocridade e auto-satisfação. Fixar o além-do-homem como alvo de sua nostalgia é uma tarefa á qual a humanidade só pode ser conduzida por intermédio dos dois outros ensinamentos de Zarathustra: a vontade de poder e o eterno retorno. Para Nietzsche, Schopenhauer tivera razão quando identificou na Vontade o elemento fundamental em todo o universo. Todavia, do ponto de vista de Nietzsche, ela não pode ser pensada, como ainda o fizera Schopenhauer, como um ímpeto cego, desprovido de finalidade. Se é a Vontade que determina o surgimento e a transformação de todo estado de coisas do universo, tal Vontade possui uma qualidade fundamental: ela é vontade de poder. (GIACÓIA JÚNIOR, 2000, p. 33-34)

Giacóia Júnior aponta que o além-do-homem não pode ser compreendido sem a compreensão da vontade de poder e do eterno retorno. O além-do-homem possui vontade de poder e busca instaurar o “novo peso”.

Entendendo o niilismo um momento de transição, a saída para esta ausência de sentido da vida, para este vazio, seria o “além-do-homem”, ou super-homem. Esse último homem, que ainda estaria por surgir, a partir da vontade de poder, deveria ir além dos valores propagados na civilização ocidental-cristã ao longo dos últimos séculos.

Apolinário (2011) entende que querer o além-do-homem refere-se à querer o fim de si mesmo, mas que proporciona o surgimento de um antimetafísico dentro das perspectivas da vontade de potência e do eterno retorno.

Tendo em vista que “Deus estaria morto”, caberia ao homem superar os valores difundidos até o momento, o que o levaria a ser o “além-do-homem”. Nietzsche defendia que o “além-do-homem” deveria superar o que é o homem. Para isso, seria necessário romper com os valores metafísicos difundidos pela tradição filosófica socrático-platônica.

Barbosa (2009) analisa que se Deus morreu e vazio ficou entre os homens, Nietzsche adota o além-do-homem, capaz de afirmar a vida e o mundo, com todos os valores inspirados na Grécia trágica.

O “além-do-homem” é aquele que estaria por surgir. Estaria “além do bem e do mal” e que resgataria a moral dos senhores em detrimento da moral dos escravos. Por fim, seria este novo homem o responsável por retomar a tragédia grega, a criatividade, originária na Grécia antiga, anterior a Sócrates.

Para Barbosa-A (2010), não se espera passivamente a vinda do além-do-homem. Não obstante, o além-do-homem está em regime de efetividade e o niilismo já está sendo superado.

Desse modo, o “além-do-homem” está agindo, está na ativa e não espera passivamente o seu futuro. Nietzsche (1974, p. 258), na obra *Assim Falou Zaratustra* discorre que “foi ali também que eu recolhi do caminho a palavra ‘além-do-homem’, e que o homem é algo que tem de ser superado”. A moral cristã, baseada no sentimento de culpa, estruturada por Paulo e que adquiriu um caráter niilista, agora seria superada pelo “além-do-homem”. Esse, diante do anúncio da “morte de Deus”, da decadência dos valores metafísicos de essência socrático-platônica, teria a missão de estabelecer uma transvaloração dos valores.

O além-do-homem, por meio da transvaloração dos valores, seria a superação do niilismo, da vontade do nada, dos valores da sociedade decadente. Os valores cristãos, de ressentimento, de sentimento de culpa, de piedade, não mais reinariam na moralidade ocidental. Nesse sentido, Barbosa-A (2010, p. 121) apresenta que “assim, projetar uma ‘nova’

moral significa, em última instância, transvalorar todo o modus operandi da moral vitoriosa, a moral cristã, num movimento de ultrapassamento e superação de seus valores”.

Assim, o último homem pode apresentar um novo sentido para a sua existência. O sentimento de vazio, de nada, a crise existencial, passa a abrir espaço para uma valorização de novos valores. “É importante notar que não há aqui uma substituição de Deus pelo homem, mas o além-do-homem aparece como pensamento mais importante na travessia do niilismo. Outrora o sentido era Deus; agora, o além-do-homem deve constituir o sentido da terra” (BARBOSA-A, 2010, p. 121).

Antes o sentido da existência estava pautado em Deus, no “paraíso”, na vida eterna, ao passo que agora o sentido da existência está pautado no homem, no que ele fará da sua vida material.

Para Bilate (2014), o personagem nietzschiano Zaratustra, modelo de além-do-homem, ainda que não seja influente como Napoleão Bonaparte e Bórgia, possui o amor-fati. Ao invés de um César com a alma de Cristo, um Napoleão com a alma de Zaratustra seria mais desejado por Nietzsche.

Sabe-se que não há uma única interpretação para o que seria o “além-do-homem” nietzschiano. O filósofo alemão não foi direto em sua definição, o que faz desse conceito uma incompletude para os estudos atuais. No entanto, algumas pistas foram deixadas, sendo o amor fati uma delas. Zaratustra, que talvez tenha sido o que melhor representou o “além-do-homem”, no entendimento de Nietzsche, teria vivido o amor fati autenticamente.

Por fim, o “além-do-homem” seria o maior responsável pela superação do niilismo, promovendo uma transvaloração de todos os valores e superando a si mesmo.

#### **4- Considerações Finais**

As críticas estabelecidas por Nietzsche ao cristianismo estão intimamente ligadas à sua forma de compreensão da formação e decadência da cultura ocidental. O cristianismo herdou diversos valores da cultura grega, como a metafísica socrático-platônica.

Constatou-se que a metafísica cristã, inspirada em Sócrates e Platão, consiste na transferência da valorização desta vida em prol de uma vida no além. Para a desvalorização desta vida, a moral dos escravos passou a ser difundida, bem como o sentimento de culpa passou a ser interiorizado pelos cristãos.

Nietzsche responsabiliza principalmente os sacerdotes, por terem difundido um pensamento que não era o do Cristo. No entendimento de Nietzsche, Paulo, um dos maiores propagadores da fé cristã pelas províncias do império romano, possivelmente foi o maior deturpador da mensagem evangélica, promovendo de fato um disangelho.

As críticas de Nietzsche ao que fizeram do cristianismo culminam na morte de Deus, que ocorre devido ao triunfo da ciência no século XIX. A consequência da morte de Deus é o niilismo, que transita do incompleto ao completo, do passivo ao ativo, e por fim do completo para o de êxtase. A negação da realidade, o sentimento de vazio, impulsiona o homem à busca de superação daquela fase.

O eterno retorno, termo cunhado por Nietzsche em *A Gaia Ciência*, representa o maior peso (ou valor) que já não é mais Deus, que já não é mais o suprassensível ou universo metafísico. Daí surge a necessidade de uma transvaloração de todos os valores, que pode ser obtida com a vontade de potência (conceito cunhado a partir da influência de Schopenhauer).

O além-do-homem, superação do niilismo, adotaria a moral dos senhores em detrimento da moral dos escravos, não seria dotado do sentimento de culpa e não seria influenciado pelos sacerdotes. A vontade de potência, a transvaloração dos valores, estaria presente nesse novo homem, capaz de reunir as condições necessárias para a superação do niilismo, que se iniciara com a morte de Deus.

Contudo, nota-se o distanciamento de Nietzsche em relação à teoria de Schopenhauer ao longo de sua vida, visto que o pessimismo do filósofo é substituído por um otimismo que culminaria na superação do próprio homem, na transformação de uma sociedade degenerada para uma sociedade que tivesse os valores transvalorados.

## **REFERÊNCIAS:**

- ALMEIDA, Giuliano César Mattos de. **Cristianismo rima com niilismo. Um estudo sobre a questão do niilismo em Nietzsche.** 106 fl. 2006. Universidade Federal de Juiz de Fora. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Juiz de Fora, 2006.
- APOLINÁRIO, J. A. F. As andanças do homem superior em Nietzsche. **Cadernos Nietzsche**, n. 28, 2011.
- ARALDI, C. L. **Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche.** Cadernos Nietzsche, n. 5, p. 75-94, 1998.

- BITTENCOURT, R. N. A interpretação de Nietzsche sobre o fundamento primordial do cristianismo. **Controvérsia**, v. 5, n. 2, p. 17-30, mai-ago, 2009.
- BARBOSA, I. M. **Nihilismo, transvaloração e redenção na Filosofia de Nietzsche**. 280 fl. 2009. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.
- \_\_\_\_\_. A Filosofia de Nietzsche como propedêutica à superação do homem. **SABERES**, Natal, RN, v. 2, n. 5, ago., 2010.
- \_\_\_\_\_. O pensamento do eterno retorno e da vontade de poder como superação das teologias cristãs e científicas. **Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche**, v. 3, n. 1, pp. 71-89, 2010.
- BÍBLIA. N. T. Atos dos Apóstolos. In: **Bíblia Sagrada**. Trad. da CNBB. 16 reed. São Paulo: Canção Nova, 2012. p. 1353-1354.
- BILATE, D. Nietzsche, entre o Ubermensch e o Unmensch. **Cadernos Nietzsche**. São Paulo, n. 34, v. I, p. 215-229, 2014.
- BRUSOTTI, M. Ressentimento e Vontade de Nada. **Cadernos de Nietzsche**. n. 8, p. 3-34, 2000.
- CABRAL, A. M. O Jesus de Nietzsche: a ambigüidade de uma polêmica. **Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche**. v. 3, n. 01, pp. 01-20, 2010.
- \_\_\_\_\_. Nietzsche e a semântica da vontade de poder. **Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche**. V. 2, n. 1, pp. 20-37, 2009.
- CONSTANTINIDÈS, Y. O nihilismo extático como instrumento da Grande Política. **Cadernos de Nietzsche**. n. 22, 2007.
- GIACOAIA JÚNIOR, O. **Nietzsche**. São Paulo: PUBLIFOLHA, 2000. 93 p.
- \_\_\_\_\_. **Nietzsche: o humano como memória e como promessa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 343p.
- JÚNIOR, F. C. V. L. A crucificação da moral: a sedução do cristianismo na análise genealógica de Nietzsche. **Revista Espaço Acadêmico**. n. 111, ago., 2010.
- MATTOS, Anita Tandeta. **A genealogia de Nietzsche: razão e violência**. 92 fl. 2006. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- MEDEIROS, Humberto Duarte de. **A visão de homem em Nietzsche e em Paulo**. 102 fl. 2008. Dissertação (Mestrado em Filosofia), UNISINOS, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 2008.
- MARTON, S. **Nietzsche: uma filosofia a marteladas**. 4ª ed. Brasiliense, 1986. 117 p.

NIETZSCHE, F. W.. Assim Falou Zaratustra. In.:**Os Pensadores**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 1ª ed. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1974.

\_\_\_\_\_. Para Além do Bem e do Mal. In.:**Os Pensadores**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 1ª ed. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1974.

\_\_\_\_\_. Para a Genealogia da Moral. In.:**Os Pensadores**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 1ª ed. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1974.

\_\_\_\_\_. **A Gaia Ciência**. 6 ed. Trad. Alfredo Margarido. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Anticristo**. Ciberfil. Trad. André DíspreCancian. 2002. 63 p.

\_\_\_\_\_. **O Anticristo**. Trad. Artur Morão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

\_\_\_\_\_. **Além do Bem e do Mal ou Prelúdio de uma filosofia do futuro**. Editora Hemus. Trad. Márcio Pugliesi. 2001. 230 p.

\_\_\_\_\_.**Genealogia da Moral**. Trad. Paulo César de Souza. Companhia de Bolso, 1998. 110 p.

NOVAES, J. F. de. Nietzsche: uma crítica ao cristianismo. **Pergaminho**. Patos de Minas: UNIPAM, p. 26-35, nov. 2011.

SILVA, R. da. Cristianismo e corrupção paulina segundo a interpretação de Friedrich Nietzsche. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 04, n. 03, p. 185-192, 2004.

PASCHOAL, A. E. Novas virtudes. Indicações para uma moral do futuro. **Cadernos de Nietzsche**, n. 12, 2002.

RUBIRA, L. E. X. O amor fati em Nietzsche: condição necessária para a transvaloração? **Polymatheia**, Fortaleza, v. IV, n. 6, p. 227-236, 2008.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores**. 2008. São Paulo. Tese (tese de doutorado). Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Filosofia. 239 f. 2008.